

ZONAS DE APROXIMAÇÃO NA LINHAGEM MEDIATEZACÃO: teorizações entre as corrente institucional, socioconstrutivista e semioantropológica¹

ZONES OF PROXIMITY WITHIN THE MEDIATIZATION LINEAGE: theorizations among the institutional, social- constructivist, and semio-anthropological currents

Jairo Ferreira²

Resumo: O objetivo deste artigo é a construção de interfaces entre três correntes da linhagem de pesquisa em mediação: a institucional desenvolvida por Stig Hjarvard, a socioconstrutivista de Couldry e Hepp e a socioantropológica de Eliseu Veron. A argumentação foca em dimensões de aproximação entre as três correntes. Na primeira seção, abordamos as relações entre instituições midiáticas, não midiáticas e dispositivos; na segunda seção, escavamos interfaces com as perspectivas da mediação como construção social de sentido fundada nas origens da sociabilidade da espécie; na terceira, com Eliseu Verón, trazemos chaves ausentes nas correntes europeias; na quarta, buscamos condensações para uma interface ainda a ser nominada. Consideramos que essas interfaces contribuem ao esclarecimento de desafios e dificuldades no acionamento dessas correntes em pesquisas desenvolvidas especialmente na área da comunicação no Brasil.

Palavras-Chave: Mediação. Instituições. Construção social. Semiose

Abstract: The objective of this article is to construct interfaces among three currents within the mediatization research lineage: the institutional approach developed by Stig Hjarvard; the social-constructivist perspective proposed by Nick Couldry and Andreas Hepp; and the socio-anthropological approach advanced by Eliseo Verón. The argument focuses on dimensions of proximity among these three currents. In the first section, we examine the relationships among media institutions, non-media institutions, and dispositifs. In the second section, we excavate interfaces with perspectives that understand mediatization as a social construction of meaning grounded in the origins of the species' sociability. In the third section, drawing on Eliseo Verón, we introduce analytical keys absent from the European currents. In the fourth section, we seek theoretical condensations toward an interface that has yet to be named. We argue that these interfaces contribute to clarifying challenges and difficulties in mobilizing these currents within research developed particularly in the field of Communication in Brazil.

Keywords: Mediatization. Institutions. Social Construction. Semiosis.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Professor Permanente do POSCOM-UFSM. Professor visitante UFBA (2025/2026). Pós doutor em comunicação Universidade Nacional de Rosário (Argentina). Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-0197-5412>. jairoferrei@gmail.com.

1. Introdução

Conforme artigo formulado em conjunto (FERREIRA *et al.*, 2025)³, a distinção mais comum feita ao descrever a investigação europeia sobre midiatização é entre uma abordagem institucionalista e uma abordagem socialconstrutivista. Esta diferenciação não é exaustiva. Há outras correntes na Europa e no Brasil, mas neste artigo vamos partir desta diferenciação quando aborda a linhagem de pesquisa em midiatização na Europa, como ponto de partida de construção de interfaces com correntes do norte e do sul.

O objetivo deste artigo é principalmente a construção de interfaces entre essas três correntes da linhagem de pesquisa em midiatização: a institucional desenvolvida por Stig Hjarvard, a socioconstrutivista de Couldry e Hepp e a socioantropológica de Eliseu Veron. A argumentação foca em dimensões de aproximação entre as três correntes. Na primeira seção, abordamos as relações entre instituições midiáticas, não midiáticas e dispositivos; na segunda seção, escavamos interfaces com as perspectivas da midiatização como construção social de sentido fundada nas origens da sociabilidade da espécie; na terceira, buscamos condensações para uma interface ainda a ser nominada. Consideramos que essas interfaces contribuem ao esclarecimento de desafios e dificuldades no acionamento dessas correntes em pesquisas desenvolvidas especialmente na área da comunicação no Brasil.

2. Interfaces com a corrente institucional de Stig Hjarvard

A abordagem institucional é representada por pesquisadores como Stig Hjarvard (2014), Jesper Strömbäck (2008), Winfried Schulz (2004) e outros centrando-se nos meios de comunicação social enquanto instituições. Neste artigo, abordamos a corrente institucionalista, uma das mais importantes na linhagem midiatização, a partir de Stig Hjarvard - o mais conhecido e citado nas pesquisas no Brasil, se considerarmos as métricas como Google Acadêmico.

Na perspectiva de Hjarvard (2014; 2016; 2023), o foco está nas relações entre lógicas institucionais (midiáticas e não midiáticas), em que os dispositivos comunicação e interação são mediações subordinados aos fluxos e mútua adaptação entre as lógicas das instituições midiáticas e das instituições não midiáticas, em que as primeiras agenciam de forma

3 Texto publicado com: Goran Bolin, Ada M. Silveira e Isabel Lofgren.

hegemônica as segundas. Portanto, esta tripla hélice (instituições midiáticas, instituições não midiáticas e mediações comunicativas) se movimenta por uma “máquina rotora” - a lógica da instituição midiática.

No artigo citado (FERREIRA; TRINDADE, 2025, no prelo), apresentamos a corrente institucionalista de Stig Hjarvard (HJARVARD, 2014; 2016; 2023) em três tópicos (FERREIRA; TRINDADE, 2025, no prelo): a) a midiatização como teoria que desloca o objeto comunicacional definido pelas pesquisas fundantes nos Estados Unidos (PROULX, 2014) sobre meios que focam em produção e recepção, considerando-o insuficiente para entender a midiatização, (HJARVARD, 2014), destacando a lógica midiática como central para a compreensão do processo em nível mesoanalítico; b) a midiatização em processo que subordina as mediações (dispositivos comunicacionais), mantendo a tópica anterior como central; c) a midiatização como intersecção entre lógicas, num processo adaptativo entre lógicas midiáticas e lógicas institucionais, com predomínio ascendente das primeiras sobre as segundas, e diferenciado conforme tipos específicos de meios em análise, incluindo agenciamentos singulares dos dispositivos comunicacionais. Essa formulação está sintetizada a seguir (FIG. 1).



FIGURA 1 – La relación recíproca entre mediatización y mediación
FONTE – HJARVARD, 2016, p. 238.

Focada no nível meso como sugere a corrente institucional, é importante ponderar que as formulações avançam (segunda e terceira topologia) para considerar o lugar das mediações comunicativas. Estas, sempre governadas, em sua perspectiva, pela midiaticização, são, num primeiro momento adjacentes, para, depois, ficarem em relação circular e, finalmente, em relação de intersecção com as instituições. Ou seja, no nível da mesoanálise proposto, trata-se de diferenciar as diversas lógicas conforme meios específicos e suas respectivas lógicas - objeto que fica complexo quando Hjarvard considera a multiplicidade de: lógicas dos meios (diferenciadas conforme meios diferenciados – impresso, rádio, televisão, redes, plataformas etc.); lógicas institucionais (diferenciadas: políticas, religiosas, educacionais etc.); diferenciação que também observa nas mediações. Essas diferenciações produzem uma complexidade que se interpõe à análise macro, sem dúvida, e favorece a análise meso (lógicas de meios específicos em intersecção com lógicas institucionais específicas, conforme mediações também especificadas).

No artigo citado (FERREIRA; TRINDADE, 2025, no prelo), analisamos também os limites da formulação, em dois sentidos: ontologicamente, por não superar um lugar subordinado do sujeito no processo, em termos cognitivos, perceptivos e emocionais acionadores de processos midiáticos transformadores; e epistemologicamente, por não considerar, nas lógicas midiáticas, as dimensões construídas pelas teorias da linguagem (sentidos entre signos, linguagem, códigos e discurso), sendo este um aspecto que auxilia a perceber a projeção de sujeitos em discursos midiáticos ou sua ação autoral em fluxos comunicativos. Aqui, o limite está em não se adaptar às correntes epistemológicas fundadas pelo estruturalismo semiológico (BOURE, 2015), incluindo as mutações derivadas dos novos fenômenos (a televisão e publicidade como referência do midiático) e da semiótica de Peirce.

Concluimos, no artigo, que a abordagem de Stig Hjarvard não ultrapassa os limites de uma sociologia da ação, subordinando a problemática especificamente comunicacional a uma interpretação da midiaticização constituída pelos objetos sociológicos (estrutura, ação, normas e correlatos). Nessa formulação, o termo *termológica*, como diz Hjarvard, é utilizado em decorrência de seu uso ampliado (metáfora social) quando se discute o midiático, sendo que a terminologia recursos (simbólicos e materiais) e regras (formais e informais) como mais precisa. Ou seja, o que interessa a Hjarvard não é pensar o que é lógica de forma profunda, mas sim usar a semântica para agrupar os conceitos de recursos, regras, tecnologias e narrativas, em seu modelo.

Talvez, também, por isso, sua formulação sobre o que é lógica e formato passa ao largo das teorias da linguagem, das semióticas e do discurso. Isso talvez nos permita compreender a forte ancoragem na sociologia estruturalista e, derivada, a separação entre comunicação (relativa a mediações comunicacionais) e midiatização (um objeto sociológico, transversal, não comunicacional).

Agora, neste artigo, exploramos propomos giros epistemológicos que nos permitem potencializar sua importante contribuição, reconhecendo que a corrente institucional é produtiva ao acentuar e problematizar a relações entre instituições midiáticas e não midiáticas, mas com limites a serem superados.

O primeiro limite que queremos tensionar neste artigo, é sobre a midiatização como um processo histórico anterior a modernidade relacionado a produção social de sentido. Para isso, propomos a interface com as correntes socioconstrutivista (de Couldry e Hepp) e a semioantropológica (Eliseo Verón), ambas incidindo no mesmo limite.

Esta diferenciação epistemológica é aproximada a de Couldry e Hepp (2020) fazem quando recusam compartilhar a perspectiva institucional, em diversas dimensões, incluindo a crítica a pensar a midiatização como fenômeno da modernidade.

Esta abordagem funciona com escalas de tempo mais longas, é menos propensa a adotar modelos explicativos causais e tem uma visão mais ampla do que se considera mídia. **A perspectiva temporal remonta aos primórdios da civilização, às pinturas rupestres e outras formas de pictogramas (grifo meu). Isto também significa considerar todos os tipos de tecnologias de comunicação, e não apenas os meios de comunicação de massa, surgidos desde a invenção da impressão.** (Ferreira *et al.*, 2025, p. 20, grifo nosso).

Chegam a afirmar que subordinar a midiatização à modernidade europeia é simplório (COULDRY; HEPP, 2020, p. 55), mesmo que válido pensar o processo como condição das mutações europeias contemporâneas. Paradoxo dos autores, pois ao mesmo tempo consideram que a autonomia das instituições midiáticas é chave para o conceito de midiatização, e, que, portanto, não teria validade para sociedades como, por exemplo, da América Latina, onde as instituições midiáticas estão subordinadas a instituições não midiáticas (religiosas, políticas, econômicas), citando inclusive Martin-Barbero de forma equivocada (e tentamos abordar isso no artigo com Eneus Trindade) para dizer que aí o que acontece deve ser visto na perspectiva das teorias das mediações. Os autores de referência da corrente socioconstrutivista são incisivos também na crítica a subordinação do processo a lógicas das mídias (“Não existe uma “lógica” das mídias que dirija mudanças em figurações”,

p. 106). Neste argumento, identificamos uma resolução de uma contradição: se a midiatização tem seu ciclo histórico iniciado com gravuras rupestres, tem validade mesmo em outras experiências históricas não referenciada na modernidade europeia. Mas fica a pergunta: a midiatização absorve então o conceito de mediações em suas perspectivas de midiatização?

Essa crítica direta a Hjarvard é também feita por Eliseu Verón (2014), também focando no tempo histórico e nos limites da abordagem focada nas lógicas institucionais:

Como a midiatização é, linguisticamente falando, um substantivo que dá nome a um processo, as entidades consideradas como sujeitas a tal processo são, na maioria dos casos, as sociedades em si ou subsistemas particulares delas¹. Também, na maioria dos casos, o período histórico sob escrutínio é aquele da modernidade, e em alguns casos, da modernidade tardia, como expressado, por exemplo, no uso que Hjarvard faz do conceito... Argumentarei aqui uma visão quase oposta, a favor da perspectiva histórica de longo prazo da midiatização. Quão longa deveria ser essa perspectiva? Como veremos, quanto mais longa, melhor, e isso justifica a qualificação de tal perspectiva como antropológica. A midiatização certamente não é um processo universal que caracteriza todas as sociedades humanas, do passado e do presente, mas é, mesmo assim, um resultado operacional de uma dimensão nuclear de nossa espécie biológica, mais precisamente, sua capacidade de semiose. (VERÓN, 2014, 16).

Nas próximas seções procuramos, a partir dessas críticas, desenvolver interfaces entre as três correntes, focando especialmente no tempo histórico da midiatização e na produção social de sentido como alternativa a abordagem focada nas lógicas institucionais, a partir das formulações de Couldry, Hepp e Verón.

3. Interfaces com a corrente socioconstrutivista de Couldry e Hepp

O conceito de midiatização em Couldry e Hepp (2020) tenta superar, como afirmamos acima, a referência na proposta de uma lógica que ordena o mundo social, sugerindo a alternativa de “variedade de maneiras” de fazer o social que intersecciona a mídia e o social transformados e estabilizados em fluxo de feedbacks contínuos (COULDRY; HEPP, 2020, p. 14), sendo necessário para a compreensão das mutações da comunicação, da cultura e da própria sociedade contemporânea, para além de uma teoria dos efeitos, unilinear, buscando uma abordagem dialética (COULDRY; HEPP, 2020, p. 54), nessas interrelações, o que abrange as instituições (entendidas de forma ampliada em suas funções de representação do social)

A seguir, nesta seção, nos propomos a refletir, sobre duas aproximações epistemológicas que são produtivas para a interface que estamos construindo: a genealogia do fenômeno denominado midiatização numa perspectiva construtivista, incluindo a

interpretação de que as instituições são construídas historicamente na relação deste processo com a produção social de sentido. Os outros dois aspectos potentes para pensar a interface serão abordados em outro artigo: a discussão sobre o ator e as configurações comunicativas.

A construção social do sentido não é destacada como seção à parte nas formulações de Couldry e Hepp. Eles partem da construção comunicativa da realidade. Porém, a construção social de sentido vai perpassando cada momento das elaborações, estabelecendo um nível de equivalência entre produção de sentido, designada como comum, do comunicativo e do mundo. A proposição articuladora é de que a produção de sentido é mediada por mídias, sendo inseparável a experiência “pura” e experiência mediada.

Descartam como simplificadora a perspectiva de Luhmann (o sentido “reduzido à operação de um conjunto de sistemas interligados”, que pode mascaram tentativas “motivadas institucionalmente dirigidas a impor” (COULDRY; HEPP, 2020, p. 20):

[...] continua sendo importante nos atermos à percepção de como a produção de sentido, ao longo do tempo, adquire formas cumulativas e herdadas sem as quais a vida humana é impossível (McDowell, 1994, p. 95). Para isso, propomos o termo “ordem figuracional”, a partir da palavra “figuração”, que introduzimos brevemente.¹⁸ Essa ordem figuracional sempre foi socialmente moldada, porém, agora tem o potencial para ser deslocada pelo impacto de novas contradições, com implicações radicais para a sustentabilidade de formas existentes de vida e ordem social [...] Na raiz da nossa preocupação como teóricos sociais, portanto, está a questão de como acabamos incorporados em um mundo: essa incorporação traz para nós uma carga moral e ética. (COULDRY; HEPP, 2020, p. 22).

O “mundo social” midiaticizado se refere a isso: como, mesmo quando não estamos usando as “mídias”, elas se constituem em referência do que fazemos para dar sentido ao nosso cotidiano. Isso não elimina a diferenciação do mundo social (seja pela diferenciação de campos sociais – como investigou Bourdieu, mas também pela diferenciação institucional – que, inclusive pode ser analisada a partir da teoria dos campos). Como tentamos evidenciar nas escavações, isso é parcialmente contraditório, pois:

A comunicação, como uma prática de produção de sentidos é o cerne do modo como o mundo social é construído como algo significativo, embora as mídias e suas infraestruturas tenham se tornado cada vez mais cruciais para as práticas comunicativas cotidianas. (COULDRY; HEPP, 2020, p. 44).

Ou seja, em algum momento afirma que a referenciação das mídias é “absoluta”, sendo epistemologicamente inválido separação experiência no mundo da vida e a experiência mediada pelos meios, convergindo com a máxima de que as mídias são cada vez “mais cruciais para as práticas comunicativas”. Trata-se de buscar uma inteligibilidade para a distinção entre a realidade face a face, diretamente experienciada, e o mundo dos

“contemporâneos” – que constroem o mundo conosco, mas sem contato direto –, considerando também as mediações (tonalidades) não binárias entre essas experiências, incluindo as mútuas relações de sentido. Quando discutem essas relações entre offline e online indicam que essa distinção continua a existir. Ajuda, nesta perspectiva, a diferenciação que Couldry e Hepp fazem entre mediação e midiatização como referência da distinção entre interações em geral e a midiatização. Essa é nossa hipótese também, o que nos convoca a trabalhar a interface entre midiatização e mediação (aquilo que não é midiatizado), mas diferenciando daquilo que é interação e comunicação daquilo que é estrutura.

Neste argumento, portanto, o socioconstrutivismo poderia ser visto como próximo a abordagem de Stig Hjarvard, em que as designadas mediações comunicativas estão subordinadas às intersecções entre lógicas das instituições não midiáticas e midiáticas, sob dominância dessas últimas. Porém, para Couldry e Hepp não se trata de subordinação às lógicas das instituições midiáticas, comandando as relações com instituições não midiáticas e mediações comunicativas, mas da produção social de sentido em processos midiáticos que se desdobra em todos os níveis de interação, incluindo no que designam mediações comunicativas, referenciando as relações entre instituições midiáticas e não midiáticas.

A produção social de sentido é essencial, em suas perspectivas, para elaborar a concreticidade das redes, que são transversais a diversas esferas da experiência social. Numa crítica aos teóricos das redes, afirmam que:

Por mais que tentem reconhecer a importância também da “produção de sentidos” nas redes de comunicação (Castells, 2009, p. 21 em diante) ou das “histórias” que “marcam laços dentro das redes” (White, 2008, p. 20), os principais teóricos de redes não conseguem integrar esses processos de significação ao quadro geral do modo como o mundo social é construído. Além disso, noções de “sociedade de redes” ainda estão reificando as redes como entidades que podem simplesmente ser colocadas contra outros grupos sociais, sem considerar a plena complexidade das relações contextualizadas de interdependência nas quais tanto as redes quanto os grupos estão imersos. O conceito de “rede”, portanto, sempre fica aquém do entendimento das produções gerais de sentido que orientam a ação humana. (COULDRY; HEPP, 2020, p. 86).

Porém, a dificuldade aqui parece ser de resolver o desafio de uma teoria da midiatização que considere a produção social de sentido para o conceito de midiatização, sem a necessária interface entre as teorias da linguagem e as teorias sociais – incluindo as correntes interacionistas norte-americanas. Convergente com essa formulação – de pensar a midiatização como forma da produção social de sentido, é necessário interfaces com a perspectiva semio-antropológica (próxima seção), antecipando que nesta corrente as

dimensões da linguagem, do signo, discurso e lógicas são sempre acionadas para a interpretação dos sentidos socialmente produzidos.

Se escavarmos em busca destes operadores presentes nas teorias da linguagem na abordagem socioconstrutivista de Couldry e Hepp nos parece periférica essa referência, o que a situa numa teorização antropológica da midiatização.

O primeiro aspecto a destacar aqui é: a socioconstrutivista desenvolve, nos moldes da teoria da construção social da realidade de Berger e Luckmann (1967), uma versão midiatizada, a “construção mediada da realidade” (COULDRY; HEPP, 2020). Não se trata apenas de adicionar “mídia” a abordagem construtivista. Os autores são claros em definir que essa teorização é necessária para pensar a construção da realidade, que seria incompleta em Berger e Luckmann, inclusive quando esses reafirma uma concepção fenomenológica referenciada na compreensão de um sujeito autônomo.

Semanticamente, há um de aproximação com a corrente semio-antropológica sobre o lugar da linguagem, na construção social de sentido em Couldry e Hepp (2017), ao mesmo tempo que afirmam que o construtivismo de Berger e Luckmann (1966) subestimou a comunicação e superestimou a linguagem, sem considerar que para compreender a comunicação é central pensar a partir das “formas de comunicação mediada” (pelas mídias). Outra aproximação é sobre o lugar dos atores sociais neste processo. Essa segunda aproximação será abordada em próximo artigo. Voltando, portanto, a esta primeira aproximação – linguagem, tecnologias e meios, em busca de articulações que possam ser produtivas para a pesquisa na linguagem midiatização.

Para os autores que são referência do socioconstrutivismo nas pesquisas em midiatização no Brasil, trata-se de “formular uma abordagem que compreende o mundo social como fundamentalmente entrelaçado com as mídias” (COULDRY; HEPP, 2020, p. 30), considerando “relevância social cada vez maior das tecnologias de comunicação”. Essa articulação direta entre mídia e tecnologia estabelece uma quase identidade entre os dois termos, conceitualmente. Mas o esmaecimento da linguagem não reduz a sua importância na midiatização, mas, reversamente, a tecnologia e mídia ganham força na comunicação mediada inclusive perante a linguagem.

Mas há, também, uma fragilidade na reflexão sobre o que é linguagem. A argumentação de Couldry e Hepp não diferencia linguagem em suas complexas dimensões

(por exemplo, entre o que é signos, linguagem, códigos e discurso), algo forte na abordagem construtivista semio-antropológica de Eliseu Verón

Para eles, a linguagem é compreendida como estrutura histórica, porém enfraquecida pelas estruturas informacionais ou de poder (como condicionantes da própria linguagem – COULDRY; HEPP, 2020, p. 40), materializadas em instituições que estabilizam recursos sociais – incluindo práticas, interpretações e linguagens, articulando “aparências de uma realidade em particular contra um pano de fundo de fluxo muito maior” (COULDRY; HEPP, 2020, p. 42) - exemplo, no espaço social das leis -, sem que isso não signifique movimentos, conflitos e necessário trabalho para se reforçarem enquanto produtores sociais de sentido. Essa abordagem em que a instituição é também construída diferencia-se da concepção da instituição como base da mediação, pois, pelo contrário, é a mediação que a constrói a instituição e não o inverso. Isso inclui as instituições com fins específicos de representação do social (instituições midiáticas):

As instituições com a responsabilidade específica de representar a realidade em suas formas gerais e específicas continuaram a se desenvolver ao longo da história e, na era atual da conectividade baseada em internet, incluem instituições aparentemente tão distantes da intervenção cotidiana quanto os algoritmos em funcionamento nos mecanismos de busca (Halavais, 2009). Porém, como observa Adrian MacKenzie, até mesmo o software que implementa tais processos “está muito intimamente ligado ao modo como o código é lido e por quem ou pelo que [quer que se seja], por uma pessoa ou por uma máquina” (MacKenzie, 2006, p. 6); em outras palavras, algoritmos, softwares e bases de dados, também, não são “realidade”, mas realidade construída. (COULDRY; HEPP, 2020, p. 42).

Trata-se, portanto, de uma concepção antropológica de linguagem em interface com a tecnologia. Uma passagem ilustra a abrangência da nisto: o sim e o não em um casamento (COULDRY; HEPP, 2020, p. 47) é código, mesmo que manifesto em linguagem. Também é sintomática o acento na diferenciação entre linguagem e ação. Na perspectiva do signo triádica (Peirce), essa diferenciação típica das filosofias da linguagem e da ação é desdobrada na semiologia francesa, que ganha nova interpretação na teoria semiótica peirceana (o signo é representação, interpretação, ação e operação). Mesmo se concordarmos que parte dos signos se manifestam em representações codificadas socialmente (e a isso, os autores chamam de instituição), o que permite compreender a linguagem como instituição, instituinte e instituída, e, ao mesmo tempo, meio de comunicação (ao lado de signos simbólicos como o dinheiro e da tecnologia – fica a lacuna da diferenciação entre linguagem, códigos, signos e discursos.

Com essas ponderações queremos acentuar dois aspectos nessa zona de aproximação: por um lado, valorizar uma perspectiva construtivista que critica o lugar das instituições nos

modelos canônicos de Stig Hjarvard pois congelam, mesmo em sua terceira tópica (complexidade de fluxos) algo como ponto de partida da midiatização, ficando sem interpretar a origem do que não preexiste na história – as instituições. A pesquisa em midiatização é um caminho adicionado para compreender este processo iniciado na modernidade. Por outro lado, consideramos produtivo escavar as lacunas epistemológicas decorrentes de uma denegação das teorias do signo e da linguagem, simplificando talvez muito do que deve ser esclarecido nessa relação social de sentido (signos, linguagens, códigos, discursos e circulação), inclusive das instituições, dimensões centrais para pensar a midiatização contemporânea.

4. Contribuições da corrente semioantrológica de Verón

Feita essas ponderações, podemos agora nos referir ao que nominamos de tópica de Eliseu Verón (VERÓN, 2014), que, em nossa interpretação, nos desafia a repensar inclusive seus modelos canônicos apresentados na seção deste artigo (VERÓN, 1997), e a tópica circulação, que é transversal a sua obra, e será abordada aqui de forma preliminar.

Num de seus últimos artigos (VERÓN, 2014), na formulação que consideramos de meta-análise, há um giro epistemológico que traz vários questionamentos a formulações anteriores apresentadas (esquemas que definem um conceito inaugural sobre a midiatização (VERÓN, 1997) e sobre a circulação – isso, nominamos aqui terceira tópica (sem exclusão de outros modelos que poderia definir uma genealogia de sua epistemologia. O resumo de seu artigo (VERÓN, 2014) explicita bem do que se trata quando se fala de midiatização:

[...] uma perspectiva de longa duração, qualificada como antropológica, a respeito da midiatização, observando que os fenômenos midiáticos são uma característica universal de todas as sociedades humanas, desde um primeiro estágio de semiose humana, iniciado a cerca de dois e meio milhões de anos atrás, com a produção de ferramentas de pedra. As consequências do fenômeno midiático da exteriorização dos processos mentais são discutidas, sendo destacados os momentos cruciais da midiatização, com respeito à aceleração do tempo histórico, bem como as rupturas entre espaço e tempo produzidas pelos dispositivos técnicos. Os fenômenos midiáticos são uma precondição de sistemas sociais complexos, e por isso a midiatização possui tanta importância quanto estes. (VERÓN, 2014, p. 13).

Esta perspectiva acentua a abordagem semiótica - “a capacidade semiótica de nossa espécie” que consiste “na exteriorização dos processos mentais na forma de dispositivos materiais”. Esta exteriorização não se encerra a materialização em dispositivos, pois, aí, começa um processo semiótico permanente:

O ponto central aqui é que o fenômeno midiático da exteriorização dos processos mentais tem uma consequência tripla. Em termos peircianos, mais uma vez, sua

primeiridade consiste na autonomia dos emissores e receptores dos signos materializados, como resultado da exteriorização; sua secundidade é a subsequente persistência no tempo dos signos materializados: alterações de escalas de espaço e tempo se tornam inevitáveis, e a narrativa justificada; sua terceiridade é o corpo das normas sociais definindo as formas de acesso aos signos já autônomos e persistentes. Em outras palavras: criação triplíce de diferenças. Neste contexto, a mediação é apenas o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências. A vantagem conceitual da perspectiva de longo prazo é nos lembrar que o que está acontecendo nas sociedades da modernidade tardia começou, de fato, há muito tempo. (VERÓN, 2014, p. 15-16).

Essa exteriorização se refere a níveis diferentes: um, dos instrumentos de instrumentos (tecnologia) que são signos materiais, incluindo as técnicas (signos também) que viabilizam o uso para o trabalho (algo que lembra, aqui, o marxismo de Engels – a centralidade do trabalho para a ‘hominização’). A linguagem é composta por outros signos, que também se autonomizam, constituindo diferenciação e na autonomia dos emissores e receptores dos signos materializados, mutações do tempo e espaço em novas escalas, e as normas de uso destes signos.

A linguagem não realiza abstratamente. Ela está inscrita em dispositivos, cujo usos se estabilizam em práticas e institucionalização, variando conforme contextos diferenciados de ocorrência. As consequências desse processo são a aceleração do tempo histórico (exemplifica com a imprensa e as redes digitais atuais) transformando (exemplos) o mundo musical, as fotografias pessoais e familiares, alterações de escalas (escopo do jornal, da rádio, da televisão e das redes, por exemplo):

Deste ponto de vista a história da mediação pode ser contada como a interminável disputa entre grupos sociais confrontados, tentando estabilizar sentidos; disputa que se torna, no decorrer da história da nossa espécie, cada vez mais complexa e condenada ao fracasso. (VERÓN, 2014, p. 17).

5. Uma condensação ainda sem nome

Com a interface entre a corrente institucional, o socioconstrutivismo e a abordagem semioantropológica de Eliseu Veron, consideramos que é possível avançarmos nas interfaces, acionando diversas adaptações epistemológicas a partir dos contraditórios entre as três correntes:

a) a perspectiva socioconstrutivista demandando adaptações das abordagens institucional (Hjarvard) e o modelo canônico de Eliseu Verón (1997), abordados na seção 1, são adaptados para situar a instituição no processo histórico de institucionalização construída historicamente, superando, por este caminho, o conceito de mediação como um processo

iniciado na modernidade industrial e mercantil. Trata-se, portanto, de adaptar a problemática institucional – relações entre instituições midiáticas, não midiáticas e dispositivos midiáticos de interação – às contribuições da fenomenologia construtivista de Couldry e Hepp;

b) o processo de produção social de sentido na perspectiva da semiose social fundadora da diferenciação da espécie em relação à natureza (hipótese de Verón no texto de 2014), demandando adaptações das proposições do socioconstrutivista de Couldry e Hepp, na medida em que linguagem é abordada a partir da semiótica, e superando perspectivas propostas pela corrente institucional.

A partir desta interface, construímos nossas inferências autorais a seguir.

Nossa inferência é que a linguagem sempre se atualiza nesta genealogia compreendida na perspectiva da mediatização, em várias camadas de materializações, autonomizações, novas separações entre emissores e receptores, ampliação da escala de tempo e espaço, e novas normas (demandadas, realizadas ou não). A primeira grande ruptura da espécie humana não é fabricação de instrumentos (hoje, os estudos humanos-animais já provam fartamente que as outras espécies também fabricam instrumentos – o que significa que materializam também experiências mentais em tecnologias e técnicas)⁴, mas sim a linguagem de representação (nova camada signica) e operação (portanto, novas camadas semio-cognitivas-operatórias) que retroagem sobre as ações de construção de tecnologias e técnicas pela espécie.

A escrita é reconhecidamente o grande giro, mas começa antes (com a linguagem oral, cuja potência para se autonomizar e autonomizar lugares de emissão e recepção, ampliar escalas, demandando também normas – não escritas, mas ritualizadas – de uso, são reconhecidas, por exemplo, nas culturas chamada de orais – ou, do contrário, essas não sobreviveriam como evidenciam as culturas orais dos terreiros de Candomblé em Salvador).

4 “La aparición de los estudios interespecies en antropología, o lo que a principios de los 2000 se empezó a denominar «giro animal» (Mullin 2002), dejó atrás la tendencia de analizar los animales como producciones materiales y/o simbólicas de las comunidades humanas, para empezar a reconocer su papel en la conformación de las diversas realidades sociales. El nuevo ámbito de estudio antropológico que delimitaron originalmente los trabajos de Eugenia Shanklin (1985), Molly Mullin (1999) o Barbara Noske (1989, 1993) experimentó desde entonces ciertas derivas teóricas que se ejemplificaron en las nomenclaturas utilizadas para definir el campo en función de las miradas, métodos y perspectivas desde las cuales se partiera. Así, aparecen denominaciones como antrozoología, estudios animales, estudios críticos animales, etnozoología, o, finalmente y la más aceptada en la actualidad (Cruzada y Marvin 2020), estudios de las relaciones humano-animales o estudios humano-animales (Human-Animal Studies o HAS)” (CRUZADA; GONZÁLEZ-ABRISKETA, 2024, p. 2). Neste livro, vários autores abordam essa questão. Porém, antes, a psicologia estruturalista e cognitiva já haviam abordado essa questão (a capacidade de construção signa e operatória dos animais).

Assim, desde a antiguidade, naquilo que o marxismo nominou como escravagismo, os instrumentos e ações técnicas já são representadas em linguagem (esquemas, algoritmos, cálculos, descrições de materiais e ações) antes de executadas. Certamente, o trânsito para uso da linguagem para representação descritivas e operatórias dos objetos técnicos se intensificou em sociedades referenciadas na escrita, mas, como afirmamos acima, antes, já nas transições das culturais orais (e a fala) a linguagem era utilizada de formas prévias (termos como plegada, desenhos em tecelagem, ábacos, calculus (pedras), cordas etc. antecipavam essa relação), favorecendo construções sociais complexas (exemplo próximo: os Incas que, sem desenvolver sistema escrito, consolidaram arquitetura, agricultura e engenharia sofisticadas). No momento atual, isso fica mais evidente: a linguagem algorítmica agenciada por IA agênciava outras linguagens, técnicas e tecnologias – de robôs e dispositivos de interação (redes).

Nesta perspectiva, a midiatização é chave para a compreensão daquilo que Marx chamou de modo de produção, e a variante formação histórica (Lênin), mas de forma inversa: a linguagem não é superestrutura, e sim “infraestrutura”, na medida em que representação e operações sobre objetos alteram, na história, modos de relação entre os indivíduos da espécie e com a natureza.

E, daí, em nossa formulação, de que a investigação das camadas é central para pensar a midiatização em suas diversas fases de realização: dos suportes materiais (signos materializados) em instrumentos tecnológicos e técnicos aos dispositivos de recepção e produção de signos que adicionam camadas de signos aos signos tecnológicos, técnicos, transformando a linguagem oral sucessivamente (os códigos, o livro, o panfleto, a biblioteca, o teatro, o jornal, o rádio, a televisão, as redes digitais, etc.). Ou seja, uma arqueologia das como camadas de semióticas em níveis de articulação com linguagens e dispositivos de produção e recepção.

As perguntas programáticas de Verón (2014) para pensar esse processo histórico indicam a irradiação da midiatização na constituição das sociedades contemporâneas:

Façamos uma síntese filogenética final. Fenômenos midiáticos seriam uma pré-condição dos sistemas psíquicos do Homo sapiens? A resposta é não. De forma inversa: sistemas psíquicos do Homo sapiens são uma pré-condição dos fenômenos midiáticos? A resposta é sim. Sistemas psíquicos são uma pré-condição de sistemas sociais? A resposta é sim, não de uma forma linear, mas através do surgimento de fenômenos midiáticos. Os fenômenos midiáticos são uma pré-condição dos sistemas sociais complexos? A resposta é sim. (VERÓN, 2014, p. 9).

Porém, ponderamos sobre pergunta e resposta 2: “sistemas psíquicos do Homo sapiens são uma precondição dos fenômenos midiáticos? A resposta é não”. O inverso também ocorre: quando nascemos, já há um acervo de signos materiais, linguagens e discursos disponíveis, que são incorporados em interações sociais diversas, e, ao mesmo tempo, e novos objetos são construídos em operações concretas (signos materiais) e formais (outros signos materializados em linguagem que representam, formalizam lógica e operatorialmente as ações). Ou seja, mesmo na perspectiva da psicologia genética (Piaget), é necessário pensar a relação entre sistemas psíquicos e ambiente (no caso, midiáticos). Essa chave da midiatização nos parece central: quando mais socializados na interação com o ambiente midiático, menos pensamos e agimos sem a mediação dos signos, da linguagem, dos discursos sociais, incluindo a indissociável dimensão das técnicas e tecnologias sociais, especialmente as de comunicação requisitadas por todos e para todos. Mas isso não é universal. Nossa experiência mental, portanto, não é ‘mais pura’. Se desenvolve em um ambiente (Gomes, 2016) de signos, linguagens, discursos, técnicas e tecnologias de interação com a natureza e sociedade.

Referências

- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **The social construction of reality**. Londres: Penguin, 1966.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOURE, Robert. A história das Ciências da Informação e da Comunicação na França: o caso das origens literárias das CIC. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 3, n. 5, 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/10648>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- BOUTAUD, Jean; VERÓN, Eliseo. **Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques en communication**. Paris: Lavoisier; Hermès Science, 2007.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. **A construção mediada da realidade**. São Leopoldo: Unisinos, 2020.
- COULDRY, Nick; HEPP, Andreas. Conceptualizing mediatization: contexts, traditions, arguments. **Communication Theory, Munich**, [S. l.], v. 23, n. 3, p. 191-202, 2013. DOI:10.1111/COMT.12019.
- CRUZADA, Santiago; GONZÁLEZ-ABRISKETA, Olatz. **Animales y antropología: etnografías más que humanas en España**. Madrid: CSIC, 2024.
- ELHACHAM, Emilly *et al.* Global human-made mass exceeds all living biomass. **Nature**, [S. l.], v. 588, p. 442-444, 2020. DOI: 10.1038/s41586-020-3010-5.
- FERREIRA, Jairo; TRINDADE, Eneus. O sujeito ausente nas teorias da midiatização? Diálogos e tensões com a teoria das mediações. 2025 (no prelo)
- FERREIRA, Jairo *et al.* Aspectos empíricos, epistemológicos e metodológicos da midiatização norte e sul. In: FERREIRA, Jairo; BOLIN, Goran; SILVEIRA, Ada M. C. M.; LÖFGREN, Isabel (Orgs.). **Midiatização sul e norte: perspectivas epistemológicas e empíricas no Brasil e na Suécia**. Porto Alegre: Sulina, 2024. p. 11-32.
- FOUQUIER, Éric; VÉRON, Eliseo. **Les spectacles scientifiques télévisés**. Paris: La Documentation Française, 1985.
- GOMES, Pedro Gilberto. Midiatização: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos**, Porto Alegre v. 23, n. 2, p. ID22253, 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.2.22253.
- HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiatizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014.
- HJARVARD, Stig. A lógica da mídia e as condições midiatizadas de interação social. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 32, n. 1, e209521, 2023. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v32i1pe209521.
- HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- HJARVARD, Stig. Mediatización: la lógica mediática de las dinámicas cambiantes de la interacción social. **La Trama de la Comunicación**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 235-252, 2016. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1668-56282016000100013. Acesso em: 23 fev. 2026.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1958.
- PROULX, Serge. As pesquisas norte-americanas sobre a comunicação: a institucionalização de um campo de estudo. **Questões Transversais**, São Leopoldo, v. 2, n. 4, 2014. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/9620>. Acesso em: 17 fev. 2026.
- VERÓN, Eliseo. **Esquema para el análisis de la mediatización**. Diálogos de la Comunicación, Lima, n. 48, 1997.
- VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19.
- VERÓN, Eliseo; LEVASSEUR, Michèle. **Ethnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens**. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989.



35º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS 2026

Saberes ancestrais e novos horizontes da pesquisa em comunicação
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | Natal/RN
9 a 13 de Junho de 2026

compós

